

Passeios

Nas igrejas do Alentejo, estamos ao fresco entre frescos

O Alentejo tem o maior número de pinturas murais a fresco do país — o calor é uma das razões. A Rota do Fresco abre ermidas e igrejas para revelar os seus “segredos escondidos”, incluindo um elefante. *Mara Gonçalves*

● A melhor forma de percebermos porque é que existe “tanta pintura mural no Alentejo com um carácter monumental” é fazermos um pequeno “exercício estrutural”: fechar a porta. Estamos no interior da Ermida de Santa Águeda ou de São Neutel, em Vila Nova da Baronia (Alvito), e o que é que vemos quando isso acontece? “Nada.” É um breu profundo, aqui duplamente abençoado: não só estamos num templo religioso, como o calor fica lá fora, sem frestas nem janelas por onde se infiltrar.

“Estamos no século XVI, quando já se construíam edifícios cada vez mais altos, leves e com mais luz, uma concretização do movimento artístico gótico, em que perdemos a estrutura fortificada românica para começar a rasgar os edifícios”, lembra Catarina Valença Gonçalves, fundadora da Spira, empresa que gere a Rota do Fresco. Mas estamos no interior do Alentejo, onde os termómetros sobem facilmente acima dos 30°C. Não havia “nenhum interesse em ter aberturas num clima quente”.

Com este detalhe em mente, a porta volta-se a abrir, para dar novo significado àquilo que nos trouxe até aqui. Sem aberturas para deixar entrar luz (e calor), as paredes e abóbodas tornam-se uma só superfície contínua para decorar. E “não há nenhuma outra forma de expressão artística que se preste melhor a estes espaços do que a pintura mural, neste caso, a fresco”, uma vez que ela se adapta tanto ao relevo de rodapés e nervuras, à diversidade de alçados, como à concavidade dos tectos.

A ermida tem o interior “totalmente coberto” de pintura mural: imagens de mártires, santas de um lado, santos do outro; na parede da entrada, surge a *Matança dos inocentes*, com a particularidade de os romanos estarem representados com vestes do século XVII, embora “o tema e a violência sejam os mesmos”; enquanto os tectos aparentam temas mais florais, em pior estado de conservação, uma vez que foram os únicos pintados a seco; e, na capela-mor, imagens que retratam a história do padroeiro. “De uma forma até contraditória, o único elemento de luz que existia dentro do edifício era a própria pintura que, artificialmente, a criava.”

Mais de 50 edifícios

O Alentejo é a região com “o maior número de pinturas murais a fresco” do país, e as razões “prendem-se directamente com as especificidades do território”, não só a influência do clima na arquitectura dos edifícios, como a falta de recursos financeiros ou a disponibilidade de matéria-prima. No entanto, a técnica, e todo o

património associado na região, foram “desconsiderados do ponto de vista da História de Arte em Portugal até quase aos anos 2000”, recorda Catarina Valença Gonçalves.

A Rota do Fresco nasceu em 1998 com o objectivo de contrariá-lo, a partir de uma proposta “muito simples”: “Há uma beleza que é pertença de todos nós, que vale a pena conhecer, e nós vamos partilhá-la convosco.” Anunciando-se como “a rota turística mais antiga do país”, surgiu numa região que estava ainda longe de ser um destino turístico na altura. “Costumo dizer que o Alentejo aparecia nos jornais por ter a taxa de suicídio mais alta do país, por seca ou por desemprego”, recorda.

Depois de o projecto ter arrancado no município de Alvito, outros concelhos da região foram integrando a rede. Com a entrada de Reguengos de Monsaraz, este ano, compõem a rota mais de 50 monumentos em 16 municípios, tornando-se assim “a rota mais extensa de turismo cultural no Alentejo”. Existem diferentes percursos temáticos, programas de *slow travel* que incluem a temática, além de ser possível combinar um roteiro à medida, com abertura dos edifícios, a maioria habitualmente fechados ao público, e entrega de informação para uma visita auto guiada.

Só em Montemor-o-Novo estão inventariados 35 locais, nove deles “verdadeiramente relevantes do ponto de vista histórico”, sublinha a responsável. Daí que, no final de Junho, o Dia Aberto da Rota do Fresco, uma iniciativa que anualmente celebra o



Rota do Fresco

Rua 5 de Outubro, 40-44

Vila Nova da Baronia, Alvito

Site: www.rotadofresco.pt/

www.spira.pt

E-mail: spiralab@spira.pt

Tel.: 284 475 205 / 911 158 698



aniversário do projecto, se tenha focado no município, com visita a várias igrejas e ermidas, além de uma manhã extra no domingo, em Vila Nova da Baronia, onde está sediada a Spira.

Como uma tatuagem

Montemor-o-Novo "tem uma história milenar", cujo epicentro arqueológico se concentra num "local único e extraordinário", a Gruta do Escoural. Nelson Santos, técnico da autarquia e um dos especialistas convidados a liderar as visitas guiadas do Dia Aberto, evoca-a para lembrar que também ali se encontram vestígios de pinturas, com cerca de 28 mil anos. "Já nessa altura, as pessoas tentavam expressar o seu quotidiano através da pintura mural, pintura rupestre."

Tal como os grafitis, todas partem "do mesmo impulso do Homem de se projectar na parede", acrescentaria Catarina. "As técnicas vão-se alterando, os temas, etc., mas é sempre a mesma manifestação, e desse ponto de vista é interessante porque é uma continuidade da Humanidade, muito para além da diferença geográfica."

É a olhar lá para fora, atentos aos elementos que compõem a paisagem, que se torna clara a abundância das matérias primas utilizadas na pintura mural a fresco, uma das razões que explica a quantidade de exemplares que encontramos na região. Por um lado, o barro usado na construção dos edifícios, da taipa ao tijolo de burro (e vale muito a pena uma visita ao Telheiro na Encosta do Castelo, espa-

Um dos pontos altos do Dia Aberto foi a visita ao interior do Convento da Saudação

ço das Oficinas do Convento); por outro, a existência de calcário, depois transformado em cal, de areia nos leitos de rios e ribeiras, e de pigmentos naturais, nomeadamente os óxidos de ferro que vão dar os ocre, vermelhos, amarelos e castanhos.

É com estes três ingredientes que se faz uma pintura mural a fresco. Primeiro, pica-se a estrutura inicial para ter aderência, mistura-se duas porções de areia e uma de cal, aplica-se na área que se quer pintar, e faz-se um primeiro esboço com sinóia, um pigmento avermelhado (*arriccio*). No dia seguinte, é feita uma nova mistura, com uma porção de areia para duas de cal, aplicada apenas na área a concluir no próprio dia. É nessa segunda camada de reboco (*intonaco*) que é feito o desenho preparatório, mais minucioso, assim como a aplicação dos pigmentos, através de velaturas, como uma aguarela. Tudo enquanto o reboco ainda está fresco, daí o nome da técnica.

E porquê? "Porque a pintura mural a fresco é a única forma de pintar que não tem um aglutinante, uma cola", aponta. "É a reacção química natural da água na cal que, ao evaporar, chupa os pigmentos e cristaliza-os no seu interior." Confuso? É pensar numa tatuagem: o processo é muito semelhante; e é ele que explica a grande durabilidade destas pinturas, na pele e na parede.

Um elefante do séc. XVI

Depois de uma breve introdução na Igreja do Calvário, no centro de Mon-

temor-o-Novo, seguimos para a Ermida de São Pedro da Ribeira, "um tesouro escondido", aponta Nelson Santos. "Possivelmente, haveria aqui algum local de culto no século XIII, mas a ermida é construída a partir de 1511", acrescenta, destacando a arquitectura manuelina e a pintura mural, com campanhas dos séculos XVI ao XIX, incluindo "uma das mais antigas" no concelho.

É nela que nos demoramos, localizada na capela-mor, e escondida até 1975, quando foi desmontado o retábulo que, até então, "cobria praticamente na íntegra a pintura mural", hoje em exposição no coro alto da Igreja do Calvário, detalha a historiadora Filomena Caetano. Ao centro, encontramos São Pedro, "precisamente no meio da ribeira", e, à sua volta, cenas campestres típicas do Alentejo, como o pastor com o rebanho, pessoas a ceifar, ou mulheres de cântaro à cabeça, entre outros.

Apenas um detalhe foge ao cenário: um elefante. Há duas teorias. A do historiador Francisco Bilou, de Évora, "relaciona esta representação do elefante com o acordo de D. Manuel I, em 1511, dizendo que um elefante indiano de nome *Hanno* ou *Annone*, jovem e albino, foi enviado da embaixada da obediência de Tristão da Cunha à corte papal". Já Jorge Fonseca, historiador de Montemor-o-Novo, argumentou que este será *Salomão*, o elefante que foi ofertado por D. João III e D. Catarina de Austria ao neto Carlos, e que terá seguido até à corte papal de Lisboa a Roma por via marítima, em 1549. →

Passeios

"Em todo o caso, é um símbolo, e consequência, dos Descobrimentos. Tanto importa se é *Hanno* ou *Salomão*, a coisa extraordinária é a integração num ermida desta circunstância especialíssima, que é termos um horizonte que vai para além da nossa costa atlântica", sublinha Catarina. "É a única representação que temos deste animal em contexto de pintura mural."

Conservação e usufruto

Dentro das muralhas de Montemor-o-Novo, a Igreja de São Tiago, também com pinturas murais a fresco, alberga actualmente o Centro Interpretativo do Castelo. Mas a tarde seria dedicada ao monumento em frente, o Convento de Nossa Senhora da Saudação, encerrado há oito anos.

O início da construção deu-se em 1501, graças a duas mulheres: Joana Dias Quadrada, que criou uma congregação de religiosas, e D. Mécia de Moura, que doou parte da sua fortuna para enguer o convento, que seria "construído ao longo de vários séculos", agregando vários edifícios do castelo, conta Nelson Santos. Com a extinção das ordens religiosas, a morte da última freira, em 1874, ditaria o fim do convento. Foi depois um asilo para meninas órfãs, até 1979.

Em 2000, o coreógrafo Rui Horta fundou aqui O Espaço do Tempo, seguido por serviços camarários que ocuparam outras alas do edifício. Em 2018, no entanto, um sismo com epicentro na região de Arraiolos fez ruir uma parede do antigo refeitório, e a tempestade *Leslie*, no mesmo ano, abateu o tecto de um dos salões onde a estrutura artística ensaiava. "O espaço teve que ser desocupado com urgência", recorda Vítor Cotovio, engenheiro da autarquia. Desde então houve obras de consolidação da estrutura, e dois concursos públicos para a recuperação total do convento que "ficaram desertos".

A visita faz-se, por isso, de capacidade, especialmente atentos ao piso por arranjar, e sob avisos relativos às más condições do edifício. "Podemos discutir se se recupera mais facilmente o património mantendo-o fechado, ou abrindo mesmo que não esteja no melhor estado para gerar interesse e novas oportunidades de conservação", lançava Catarina ainda na Ermida de São Pedro da Ribeira, mas o mesmo seria válido para qualquer um dos monumentos visitados. "Uma coisa parece-me certa: não fazer nada em património cultural em Portugal é fazer mal, porque o tempo conta."

Ao mesmo tempo, apontava a necessidade de conjugar os trabalhos de restauro e de conservação ao uso garantido do edifício posteriormente. "Algo que não tem uso é sinónimo de degradação acelerada, como uma



O edifício e o elefante da Ermida de São Pedro da Ribeira. Ao centro, um workshop da Spira

casa fechada", defende. Mas não, dar-lhe uso não é criar um hotel, acrescenta, uma vez que, sendo património nacional, o usufruto deveria ser assegurado a todos os cidadãos. E também argumenta não ser construtiva a tentação de, simplesmente, culpar as instituições públicas. Sendo um património de todos, a sua valorização e conservação deve ser uma "responsabilidade colectiva", sublinha. "Desafio-vos a pensar nisso: que uso pode ter esta ermida neste local?" E este convento?

Fazer, refazer ou desfazer

Passamos pela portaria, uma das zonas mais antigas do convento dominicano, com um parlatório que permitia a comunicação entre as freiras em clausura e os familiares.

Cruzamos o claustro, e descemos até ao coro baixo, com tecto e paredes cobertas de pintura mural a fresco.

"Estas estão atribuídas a José de Escobar", pintor a quem apontam a autoria de muitos dos frescos daquela época na região, detalha Filomena. Mas desengane-se quem prevê ter sido uma profissão de prestígio: era "um ofício mecânico", como "se estivessem a contratar um canalizador", com modelos escolhidos a catálogo, datas precisas para a conclusão da encomenda, e penalizações em caso de incumprimento, acrescenta Catarina.

Estamos no coro baixo do Convento da Saudação, mas também poderíamos estar na Ermida de Santa Águeda ou de São Neutel. Basta estarmos atentos aos detalhes. Por vezes, a pintura mural de um santo acaba cortada por outra, ou sobrepõe-se aos desenhos a duas cores do esgrafito, como neste caso. Em algum momento, "considerou-se que aquela decoração já não correspondia aos desejos de quem veio a seguir, então voltou-se a picar e a fazer-se uma nova campanha por cima", aponta a responsável da Spira.

"Esta capacidade da pintura mural de se sobrepor uma à outra, quase eternamente, fez com que fosse sendo sucessivamente escolhida, e é uma das razões pelas quais temos tanta pintura mural nesta região", sublinha. "O fresco tem esta característica única, do ponto de vista do suporte murário, que é poder durar 500 ou 600 anos sem grande necessidade de investimento e, ao mesmo tempo, poder ser caído e tapado no dia seguinte, também sem grande custo."

Num "território de fracos recursos", é uma "forma muito inteligente" de decorar o interior dos edifícios, religiosos e não só, com "materiais gratuitos e acessíveis", à excepção de pigmentos minerais mais sofisticados. Tanto era aplicada para reproduzir santos e cenas da Bíblia, como se fosse "uma grande banda desenhada catequética", comunicando através das imagens, e dos símbolos atribuídos a cada um dos "super-heróis" daquela altura, a quem não sabia ler nem escrever; como era utilizada para imitar materiais para os quais os encomendantes não tinham capacidade financeira, como retábulos, azulejos, mármore ou mesmo o panejamento sobre o altar.

A qualidade artística das obras, umas mais naïf, outras mais sofisticadas, não importa tanto quanto as histórias que se descobrem na pintura mural a fresco sobre a técnica, a História de Arte, as questões que se levantam sobre a sua conservação ou visitação e, sobretudo, as viagens que proporciona pela história, território e património do Alentejo.